

Se alguém vos annunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anathema

S. PAU. AOS GALA. I, 9.

A REFORMA

ritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas têm vindo ao mundo.

1.º, S. João. IV 1.

Prégai o Evangelho a toda a creatura.
S. MAR. XVI, 15

FOLHA EVANGELICA

IV ANNO

PORTO, 1 DE SETEMBRO DE 1884

NUMERO 27

UMA VIAGEM EM DILIGENCIA

Singularidades logicas da transubstanciação

Ha dois dias tomava eu logar na diligencia que parte de Baqueville para Rouen. Dentro estavam dois padres que me reconheceram. Depois das saudações do estylo, e trocadas algumas palavras, o mais velho disse-me:

—Desejava que v. me desse uma explicação satisfactoria d'estas palavras: *Este é o meu corpo.*

—De muito boa vontade, meu caro senhor, se antes d'isso, tivesses a bondade de me explicar estas palavras: *Eu sou a videira verdadeira; eu sou a porta; eu sou o pão da vida.*

O padre ficou um pouco embaraçado e não respondeu; porém notando que o silencio podia ser mal interpretado pelos nossos companheiros de viagem, começou de dizer muita cousa, concluindo por declarar que Jesus Christo não era nem uma videira verdadeira, nem uma porta, nem um pão; mas que a hostia era o *corpo real* do Salvador. Então passou-se entre nós a seguinte discussão:

—Se eu bem vos comprehendo, quando o padre consagra a hostia, esta perde a sua substancia?

—Certamente.

—E depois de perder a substancia, torna-se no corpo de Jesus Christo?

—Não resta a menor duvida, a tal respeito.

—E por corpo de Jesus Christo vós entendeis não o seu corpo espirital ou fantastico, mas esse mesmo corpo que elle tinha, quando sahiu do ventre da Virgem?

—Assim o entendemos.

—E este corpo não é um corpo morto, mas um corpo vivo com sua alma, e a divindade que lhe pertence?

—E' isso mesmo.

—E quando o padre consagra o vinho, perde tambem a substancia, e torna-se, com o pão, no verdadeiro corpo de Jesus Christo em carne, em sangue, em ossos, em alma com a sua divindade?

—Assim o cremos e assim é.

—E vós chamais a este milagre da conversão do pão e do vinho no corpo de Jesus Christo, transubstanciação?

—Exactamente.

—Uma vez, o pão e o vinho consagrados, ainda que não sejam consumidos, nem por isso deixam de ser o verdadeiro corpo do Salvador?

—Justamente.

—Credes que Jesus Christo está na hostia e no vinho e ao mesmo tempo em cada particula do pão, e em cada gotta de vinho?

—Sim.

—De tal maneira que se se dividir o pão e o vinho consagrados em um milhão de particulas, cada particula é o verdadeiro corpo de Jesus Christo?

—Admiravel! comprehendeis essa doutrina tão bem como eu.

—Como consequencia logica e rigorosa, credes que uma hostia consagrada deve ser adorada como o proprio Jesus Christo?

—Certamente.

—Credes enfim que Jesus Christo é comido, não sómente espiritualmente, mas ainda realmente, em carne, em sangue, em osso?

—Exactamente.

—E credes que realmente ficam excommungados todos aquelles que não creem n'estas cousas?

—E rasões de sobejo e bem fundadas temos para isso.

—Pois eu, meu caro, sinto dizer-vos que sou um dos excommungados, por que não creio em tal doutrina.

—Não credes, e comprehendeil-a tão bem com eu?

—Pois é exactamente porque eu cheguei a comprehender essa doutrina, que não creio n'ella.

—Explicai vos, peço-vol'o encarecidamente; porque não posso comprehender que um homem como vós que conhece o canon da missa, deixe de acreditar na doutrina da transubstanciação. Provavelmente estaes dizendo estas cousas por mero gracejo.

—Fazei de mim outro conceito. E se vos dignaes dar-me algumas explicações, vereis que não estou zombando.

—Terei muito gosto em dar-vos as explicações que desejaes.

—A vossa doutrina encerra um grande numero de contradicções, que minam pela base o sacramento da lei do Senhor. Assim, vós aniquillais a humanidade de Jesus Christo, excluís a ideia de sacrificio, e destruis todas as noções do senso commum.

—Dizeis que esta nossa doutrina aniquila a huma-

nidade do Salvador? Mas, permiti-me que vol-o diga, estais em erro, pois que nada confirma e prova melhor a humanidade de Jesus que a transsubstanciação!

—Vós, permiti-me também que vol-o diga, é que estais em erro. Vêde: um corpo tem comprimento, extensão e profundidade; o corpo do Senhor, segundo a vossa doutrina, não tem nem comprimento, nem extensão nem profundidade na hostia; logo não é um verdadeiro corpo.

—Isso é uma sophisma.

—Não é tal. Em mathematica, não direis vós que um ponto não tem nem comprimento, nem extensão, nem profundidade?

—Sim.

—Não crêdes vós que cada particula contem o corpo de Jesus Christo? Ora, a particula como sabeis, não tem nem comprimento, nem extensão, nem profundidade. Dizei-me: podeis collocar um corpo que tem todas as dimensões da extensão, n'um ponto onde estas mesmas dimensões se não encontram?

—Estais a sophismar, e por isso a minha resposta será breve. E' preciso aqui andar por fé e não por visão; e dizer que aquillo que é impossivel em mathematica, é possivel á Omnipotencia divina.

—Ora dizei-me: credes vós que Deos poderia fazer de umangulo recto um angulo obtuso?

—Sim, respondeu o padre, meio embaraçado.

—Pois eu tenho o espirito muito *obtusos* para o comprehender, e muito *recto* para duvidar. Mas, meu caro, uma segunda consequencia que realmente me impressiona, é que eu não comprehendo o que vem a ser do corpo de Jesus Christo, quando é por vós comido. Fica no estomago?

—E' isto uma questão de mera curiosidade, a qual não é dado á sabedoria humana resolver-a. Todavia dir-vos-hei que a Igreja, nossa santa mãe ensina que o corpo de Jesus Christo, depois de comido, deixa de estar no estomago, porém sem sahir d'elle para fóra... o que realmente eu não posso explicar, mas que eu o creio como tantas coisas eu ignoro...

—Mas... eis aqui uma nova reflexão que vos apresento. Se vos separasseis de vós mesmos, poderíeis existir?

—Não.

—E então como é que Jesus Christo, que está no céo corporalmente, poderia existir se o separasseis do corpo?

—E' ainda um milagre. Mas o que é que tem a nossa doutrina de estranho que tanto vos incommoda? Não credes na incarnação?

—Sim, e do fundo do meu coração.

—Então se credes, admirai o poder de Deus que creou o corpo do seu Unigenito.

—Mas que relação vedes vós entre a incarnação e a transsubstanciação?

—Uma relação intima; pois que uma e outra são os dous polos da nossa salvação.

—E' eu que até agora não tinha pensado n'essa relação de que me fallais! No entanto ahí tendes o que profundamente me impressiona: E' que Deus, do sangue e da bemdita Virgem fez um corpo que não havia ainda existido, ao passo que vós, com a vossa transsubstanciação creais um corpo, já feito e creado.

—Todo isso são sophismas e distincções subtis; e por essa forma torna-se impossivel a discussão.

—Mas sophismas ou não, o que é certo é que se deduzem ellas naturalmente da doutrina que sustentais.

Quando fallais do corpo do homem Jesus formado no seio d'uma Virgem, não dizeis cousa que seja contraria á razão, ainda que a incarnação exceda muito os limites da sciencia humana. Assim o corpo que Jesus tomou no seio da Virgem Maria, é um corpo que tem comprimento, extensão e profundidade, e que occupa um logar na extensão, ao passo que o corpo que lhe dá a transsubstanciação, não occupa um logar no espaço.

—E' porque elle os occupa todos.

—Credes que o corpo de Jesus Christo está em toda a parte?

—Certamente, pois que é Deos.

—Então, uma vez que elle está em toda a parte, estais vós a multiplicar-o inutilmente; mas a questão não é saber se Jesus Christo é Deos, mas sim se o corpo que elle tinha quando viveu no mundo, póde estar no céo, e ao mesmo tempo em Roma, Londres, Paris etc.

—E' ainda um milagre.

—Nego que n'isto haja milagre.

—Oal isso é demais.

—Não: é cousa muito simples. Como sabeis vós que um milagre é um milagre?

—E' porque o vejo.

—Ora é exactamente porque o não vedes que não ha milagre. Na hostia consagrada vedes o corpo de Jesus? Isto é vedes-lhe os pés, as mãos, a cabeça, o nariz, olhos etc.?

—Não.

—Logo não ha milagre; porque não tem por testemunho os nossos sentidos. Citai-me um só dos numerosos milagres do Antigo e Novo Testamento, que não possais verificar pelos olhos ou pelos ouvidos. Citai-me, um só que seja...

—Mas quando eu digo milagre, digo também mysterio.

—Não fazeis senão sahir de Seylla para cahirdes em Carybides. Um mysterio é um segredo que pertence só a Deos; assim quando Jesus resuscita Lazaro ha um mysterio e um milagre; o mysterio é o modo como Jesus opera: é este o seu segredo — mas, quanto ao resultado visivel do mysterio, a resurreição do irmão de Martha, é do dominio dos nossos sentidos. Examinaí os mysterios contidos na palavra de Deos, e reconheceríeis que o seu resultado immediato é um acontecimento miraculoso, que nós presenciámos. Se pois, a vossa hostia é mudada no corpo real de Christo por um mysterio, como é então que a sua mudança não póde ser analysada pelos olhos, ou tocada com as mãos?

—Mas Deos não tem em seu poder meios que nos são desconhecidos? Meu caro, basta de gracejo. Se a historia é Jesus Christo, é preciso necessariamente admittir todas as consequencias, por mais ridiculas que vos pareçam.

—São justamente estas consequencias ridiculas que fazem arreigar no meu espirito a convicção de que a Igreja Romana cahio no maior e mais grosseiro dos erros theologicos. Mas, meu caro, examinaí por um momento as differenças que existem entre Jesus *incarnado* e Jesus *transsubstanciado*. Um tem um corpo que tem comprimento e extensão; o outro tem um corpo sem comprimento e sem extensão; Jesus incarnado falla, caminha, vê, ouve e obra; Jesus transsubstanciado não come, nem bebe, nem soffre; Jesus incarnado é visivel, tem olhos, tem mãos, pés e ouvidos; Jesus transsubstanciado não tem nem olhos, nem mãos, nem pés, nem ouvidos. Já vedes pois que a vossa doutrina

da transubstanciação é contraria á razão e ao bom senso.

—A missa é para vós um verdadeiro e real sacrificio?

—Sem duvida; sómente porém com a differença de que n'esse sacrificio não ha derramamento de sangue.

—«Semeae ventos e recolhereis tempestades» diz Oseas: semeae, dir-vos-hei eu, semeae absurdos e recolhereis as inconsequencias.

—Que quereis dizer com isso?

—Uma cousa muito simples: é que partindo de um principio falso, haveis de chegar a conclusões egualmente falsas. Terei occasião de vos provar isto, quando amanhã fallarmos do sacrificio da missa.

(Continua)

(Trad. de *L'Anatomie du Papisme*).

AMARGURAS D'ALMA E PENSAMENTOS SOLTOS

(Conclusão)

III

Nas minhas ultimas considerações procurei demonstrar como a educação da mocidade é, talvez, o unico meio para levar a effeito a regeneração da raça humana.

Creio ser esta uma verdade que não admite contestações.

Muito tinha ainda que dizer sobre tal assumpto, bem como sobre outros diversos, mas, por escacez de tempo limitar-me-hei ao que já por vezes tenho dito, e que julgo sufficiente para a expressão plena da minha opinião sobre uma tal materia.

Todavia não devo concluir sem primeiro dizer duas palavras sobre um outro assumpto, que por vezes me tem prendido a attenção.

Não fallarei aqui d'esta questão, porque seja uma questão inteiramente nova, mas porque tenho notado que, todas as vezes que ella é apresentada á discussão, ou é repellida immediatamente ou provoca a irrisão. Comtudo não deixa de por isso ser de summa importancia.

E senão vêde:

Todos riem quando se lhes diz que teem um dever restricto de serem benevolos para com os animaes domesticos. Porém, do que não riem é de que estão utilizando-se constantemente dos seus valiosissimos serviços.

Eis ahí que em tudo vejo a tola vaidade do homem.

Ora eu concordo em que não somos forçados a trazer-os no regaço ou a acaricial-os constantemente, porque outras coisas ha de maior importancia e necessidade: mas no que eu não posso concordar é em que tenhamos algum direito para maltratar-os por simples intertenimento (como algumas vezes se tem praticado) e muito menos por malvadez (como tambem muitas vezes se pratica com milhares d'esses infelizes), quando nós vemos n'elles não só um poderoso, mas, talvez, indispensavel auxiliar.

Dizei: Em que vos provocou jamais um d'esses animaes a ira?

Não é elle um restricto observador das leis que Deus lhes prescreveu?—Talvez respondas a ti mesmo que elle as observa melhor do que tu.

«Mas eu sou o rei dos animaes exclama o homem cheio de si!»

E quem te constituiu a ti soberano sobre esses indefezos?

Como és vaidoso! que em tudo pensas ser superior aos outros seres!

Pois sabe que se alguma coisa ha em que pensas ser-lhes superior é n'isso justamente em que elles te levam a palma.

Pensas possuir a sabedoria, e profundal-a muitas vezes para te revoltares contra o teu Creador. Elles pelo contrario, que dizes serem ignorantes (e sel-o-hão), reconhecem a sua inferioridade, e jamais ultrapassaram os limites que o Creador lhes marcou.

Tu sendo sabio provocas a Deus: elles sendo ignorantes reconhecem a soberania do Senhor e obedecem. Qual é pois o superior?

Julgai-o vós.

*

* *

Mas não; diz alguém, nós somos um povo civilisado e que cultiva as artes e as sciencias, e não podemos nem devemos gastar o nosso tempo com futilidades.

Nescios. Como pôde haver civilisação onde os costumes são barbaros? Como pôde haver amor christão onde não ha a deferencia e a compaixão pelo mais fraco?

Muito bem dizia de vós Alexandre Herculano fallando dos barbaros espectaculos — as touradas:

«Tal era a fórma primitiva e singela d'um espectáculo de feras barbaras, que a civilisação, desenvolvendo-se por alguns seculos, ainda não pôde desterrar da Peninsula, e que nos conserva na frente o stygma de barbaros, embora tenhamos procurado esconder esse stygma debaixo dos europeis e pompas da arte moderna... com sophismas pueris e ineptos.»

Eu não chamarei a isto só barbaridade, mas vergonhosa covardia, como tambem lhe chama a insigne e denodada «Associação Protectora dos animaes» em um dos sens tratados que acaba de publicar:

«A crueldade para com os animaes presuppõe muito mais do que geralmente se attribue essa palavra.

«Presuppõe tyrannia, porque a crueldade é o exercicio da força sobre a fraqueza, presuppõe covardia, porque os animaes maltratados não podem usar represalia; presuppõe injustiça, porque abstractamente para elles não ha reparação; presuppõe vingança, porque não receia castigo.

«E que crimes pôde o homem ser levado a commetter e que castigos devem estar reservados para o que fôr tyranno, covarde, injusto, ignorante e vingativo?!

«Aquelle que proceder assim tem em si o germen dos peiores vicios que depravam a humanidade, e pôde ter como certo que um dia será victima das suas funestas consequencias.»

E' pois o mão tracto para com os animaes um crime: e o bom tracto não só um dever imperioso, mas uma necessidade absoluta.

Que seria o homem sem elles? — Nada, talvez.

Pois bem. Lembre-se então o homem ao menos por amor de si mesmo que deve ser benevolo e compassivo para com estes pobres seres, dos quaes a sua vida está pendente até certo ponto.

E' este um grande mal que eu tambem tenho notado sobre a terra. Procuraremos pois remedial-o, repri-

mindos os nossos impetos e instinctos maus, educando nossos filhos no amor para com seus semelhantes e para com essas creaturas inferiores, que se não sabem queixar, e teremos obedecido aos preceitos do Senhor, teremos sido proveitosos a nós mesmos e, finalmente, teremos dado ao mundo uma prova da nossa civilização.

Oxalá todos se compenstrassem d'estas verdades e as pozessem em practica, e eliminar-se-iam das nossas praças esses tristes espectaculos, que tantas vezes se tem presenciado.

E, quanto ao mais lembrai-vos que:

Tudo é vão, tudo é *nada*,
N'este mundo d'illusões:
Só dão fé e fortalecem
De Jesus as *afflicções*.

E, ponto final.
Até outra occasião.

C...

CAROLINA

OU

A MORTE DO CHRISTÃO

NARRAÇÃO HISTORICA

POR

J. DE CARVALHO

PROLOGO

Vamos transportar-vos, queridos leitores, sem que isso vos seja muito penoso, a uma época não muito remota.

Talvez que isto vos pareça um impossivel, mas vereis que é a cousa mais simples do mundo. Basta somente que, com o pensamento, nos acompanheis na pequena digressão que intentamos fazer.

Mas, antes de partir desejo dizer-vos duas palavras.

Como sabeis, a maxima parte dos escriptores modernos escrevem para deffender partidos politicos ou conveniencias pessoas, e outros sómente para ganhar dinheiro, ainda que para isso tenham de sacrificar a verdade. Porem nós que não temos um nem outro intento dir-vos-hemos a verdade, e sómente a verdade.

Tambem não vimos distrair-vos o espirito com chimeras de ficção. Somos christão, e, como tal, o nosso alvo é Jesus; a nossa arma—a verdade.

Militamos sob a bandeira branca do Evangelho e vimos annunciar-vos a perda gloriosa de um dos nossos companheiros.

Não julgueis, porém, que o nosso intento, ao fallar da morte, seja infundir o terror nas nossas fileiras; não. É' justamente pelo contrario que vamos escrever esta nossa narrativa.

Perdas taes nunca desalentam o valor do soldado, antes excitam-n'o ao combate e fazem-n'o antever a victoria.

Na curta narração, que vamos fazer, procuraremos pôr em relevo o grande amor de Christo e o quanto pôde gozar o christão, pela fé, mesmo na hora extrema da morte.

Vamos pois, á nossa historia.

Seremos breve e procuraremos tambem não abusar da vossa paciencia.

A nossa liugagem é simples e desativada, mas leva n'isso uma vantagem: é o estar ao alcance de todas as intelligencias.

Não poderemos citar precisamente todos os logares, bem como os nomes de certos personagens, que na nossa narração figuram, porque ainda actualmente vivem muitos e não queremos ser indiscretos.

Começamos pois: e praza a Deus que o exemplo d'esta nossa irmã compenetre bem os nossos corações d'aquellas sacro-santas verdades que infundem no coração a mais viva fé, a mais consoladora esperança e a mais perfeita paz em Jesus.

Ouvi pois.

Deve haver pouco mais ou menos oito annos que isto aconteceu.

N'uma bella manhã, das mui poucas que se gosam na invernosa estação, via-se um jovem sentado junto d'uma janella da casa, onde se deram os principaes factos da nossa historia, e gosava talvez os deliciosos e beneficos raios do sol nascente, que vinham acalentar-lhe os membros arroxeados pelo frio, que elle parecia nem sentir.

O quadro, que se desenrolava ante seus olhos era encantador.

A janella, onde elle estava, deitava para uns quintaes cuidadosamente cultivados e ao longo d'elles estendia-se uma grande quinta, propriedade d'um flori-cultor muito conhecido e cujo nome julgamos desnecessario mencionar.

Lá ao fundo do valle, como que banhando a falda da montanha, sobre que se acha fundada a cidade do Porto via-se correr brando e magestosamente o caudaloso Douro, semelhando na sua passagem a colossal serpente, rojando-se por entre um macio tapete de verdura.

Era isto em março de 1873, se bem me recordo.

As arvores, depois de, por tanto tempo permanecerem como mortas, começavam já a dar signaes de vida, cobrindo-se de folhas. Algumas cobertas de flores embalsamavam a atmospheria com o fragante olôr, que exalavam. As roseiras, desenvolvidos já os seus gomos floriferos, appareciam cheias de botões, dos quaes muitos já tinham começado a desabrochar.

Todo este conjunto de côres e de coisas formava um quadro digno de uma penna mais abalisada e do pincel d'um artista de genio.

Para mais realçar ainda o quadro viam se pendentes das folhas e como que matisando as pétalas das flores, innumeradas gotas de rório, que os fulgurantes raios do sol faziam brilhar como perolas de mil e variadas cores.

As ternas avesinhas saltitando de ramo em ramo, soltavam aos ares os seus melediosos e trinados gorgeios e saudavam o astro-rei que se erguia magestoso, e a Deus seu creador.

Os immensos arbustos tambem pareciam louvar a Deus, erguendo para os céus as suas tenras vergon-teas, bem como uma creancinha ergue para sua mãe os delicados bracinhos!

O espirito mais sceptico sentir-se-hia, sem duvida rendido perante um tão magestoso como encantador panorama.

Tudo, alli convidava á meditação.

Tudo enfim, parecia gosar alli de uma alegria pe r

feita, d'uma alegria como só se pôde gosar onde existe uma consciencia pura e livre, como só se gosou no Eden [e como só se tornará a gosar no Eden celestial.

Era realmente um quadro encantador!

Oh! como é bello ver que a natureza inteira de-sabrocha n'um sorriso encantador para engrandecer o seu Creador!

Só na natureza se encontra o perfeito louvor.

No homem... nunca. O homem ignora ou procura ignorar os seus deveres para com Deus, e por isso desconhece o prazer que se encontra na contemplação d'estes quadros.

No homem... só a ingratidão, sempre a ingrati-dão. Aquelle que mais deve é sempre o que menos agradece.

Mas, basta de digressões. Voltemos ao nosso joven.

Parecia ter, quando muito, uns vinte annos, mas na physionomia mostrava ser dotado de uma força de vontade e energia a toda a prova.

No dia porém, em que começamos a nossa narra-ção, era notavel o seu abatimento. Parecia indifferente a tudo quanto se passava em roda d'elle. Quem o visse n'aquelle estado julgava-o um misantropo immerso em profundas meditações.

Sentado n'um assento de granito, que havia talha-do na parede da mesma janella e a cabeça apoiada no braço esquerdo, que tinha sobre o peitoral, e um tanto inclinada para o peito, era a posição em que permanecia ha horas. De quando em quando soltava pro-longados suspiros, como se uma profunda dôr lhe dilacerasse o coração.

Por quanto tempo assim estaria não é possível di-zel-o; mas um pequeno incidente veio tiral-o d'aquelle turpor.

D'um e d'outro lado da janella cresciam algumas trepadeiras, que já haviam tapado quasi toda a parte superior, com as suas folhas. Dois passarinhos, caindo juntos do telhado, vieram chilreando tocar com as azas na frente do mancebo, indo em seguida pousar em uma pequena laranjeira fronteira.

Ao roído das avesinhas levantou a cabeça, e, se-guindo-as com a vista exclamou:

—«Como sois felizes!... Como a vossa vida de constante alegria me demonstra que só onde a in-nocencia existe, é que ha felicidade!... não traba-lhaes para amontoar thesouros fabulosos, não encellei-raes e... comtudo sois felizes!»

«Nada vos falta, porque tudo esperaes da mão de Deus. Pareceis não ter nada, e todavia possuís tudo. Porem vós reconheceis isso e gastaes a vida dando glorias ao Omnipotente, em quanto que nós outros— os homens—a obra mais primorosa que das mãos de Deus sahio, não gosamos como vós, possuindo tudo, pois que até de vós nos constituimos senhores, nem damos a Deus as devidas graças, em cujo ponto nos levaes a palma!

«Que contraste, meu Deus!

«O homem que devia ser o primeiro em ser agra-decido, é o que mais abominavel aos olhos do seu Crea-dor se tem feito: e, para cumulo da sua hediondez, juntou à sua perversidade e maldade o horrendo cri-me da ingratidão, provocando assim sobre si a justis-sima ira de Ceus!...

Em quanto assim discorria o nosso personagem, um outro personagem havia entrado na sala sem que elle houvesse dado por tal. Ao acabar o seu monologo voltou-se e dando de cara com o intruso exclamou:

—Ah! estavas ahí Alberto?

—E' verdade, meu amigo. Cheguei ha pouco e como te vi tão distraído, não quiz perturbar-te na tua meditação.

—Pois fizes-te mal, porque não era o assumpto de tanta importancia, que não podesse dispensal-o por agora. Mas vamos; senta-te aqui e diz me a que causa devo a tua visita tão cedo?

(Continua).

O MATERIALISMO ROMANO

Uma folha d'esta cidade trazia ha dias o seguinte, que copiamos textualmente:

A *Gazete anecdotique* faz-nos saber como a Paixão de Christo é contada aos chinezes pelos missionarios protestantes:

«...Se o vosso coração tem a dureza da pedra e do ferro, se ainda nada vos pôde commover, reflecti nos soffrimentos que Nosso Senhor experimentou desde Gethsemani até ao tumulto! examinae-os um por um!

«No caminho do jardim para a casa do grande padre Ananias, Jesus cahiu sete vezes; homens mãos pisa-ram-lhe os pés 144 vezes; bateram-lhe com as mãos 120 vezes: excoriaram-lhe as palmas das mãos 102 vezes; bateram-lhe 5:000 vezes com uma corréa; ca-hiu 3 vezes em quanto levava a cruz; desmaiou 72 vezes; a sua corôa de espinhos inflingiu-lhe 1:000 feridas na cabeça; cuspiram-lhe 72 vezes; as suas mãos e os seus pés foram espiçados ou maguados em 72 sitios; soltou 109 suspiros na sua agonia; as feridas que recebeu em todo o corpo elevaram-se a 6:475; verteu 230:000 gottas de sangue e derramou 60:200 lagrimas sobre os nossos peccados.»

Aquella palavra «protestantes» causou-nos alguma surpresa, porém, depois de considerar no caso, con-vencemo-nos de que era obra d'algun romano que, achando graça áquelle *realismo* na predica e não que-rendo comprometter os seus, baptisou a citação com outro nome, e mandou-a correr mundo como coisa de *protestantes*.

Mas não accetamos. Pelo contrario, não deixamos de protestar, como todos os nossos irmãos evangelicos, contra um estylo que não tem seriedade, e que em vez de commover, mette tudo a ridiculo, com funestas con-sequencias para a religião.

E' verdade que, n'este caso, não podemos provar uma negativa, porque seria impossivel, mas affirma-mos, sem que ninguem nol o possa contradizer, que *a amostra não é da fazenda protestante*. Ao contrario, é exactamente do gosto romano.

Não ha que enganar-se n'esse ponto. Vamos pro-val-o.

Todos os que assistem ás predicas protestantes, sa-bem que n'ellas se trata de convencer o espirito e mo-ver o coração pela simples manifestação da verdade, e não por meio de calculos absurdos ou descripções phantasticas.

O romanismo, porém, deleita-se em ficções, ora para aterrorisar, ora para attrahir os ignorantes. Quan-do se trata do inferno, desce a pormenores taes como, que allí ha pessoas que vomitam fogo pela bocca por que disseram mentiras na vida, e que outros estão a ferver em grandes caldeiras de azeite, etc., etc.

Não nos lembramos agora d'outras descripções con-tidas n'uns livros de iustrução usadas nas escolas ro-manas na Inglaterra. Mas, vem-nos agora á mão um

trecho extrahido d'um periodico da nação vizinha, que não pôde ser senão outra amostra irmã d'aquella com que principiamos este artigo.

E' o *Voto Nacional* que diz que no Escorial foi estabelecido pelos ultramontanos um grande collegio, e ultimamente uma imprensa, que iuauguraram, imprimindo um documento bem interessante, que principia com a seguinte:

«*Cópia d'uma oração que foi achada em Roma no Santo Sepulchro do Nosso Senhor Jesus Christo, arre-cadada no oratorio de Sua Santidade, a qual diz:*

«Que havendo Santa Izabel, rainha da Hungria, Santa Mathilde e Santa Brigida, feito muitas e particulares orações a Deus Nosso Senhor, desejando saber algumas circumstancias da sua paixão e morte penosa, Elle lhes dirigiu estas santissimas palavras:

«Sabereis, queridas minhas, que os soldados que me prenderam no horto de Gethsemani foram cincoenta e oito, e os executores da sentença, trinta e dous. Os que me levaram amarrado foram tres. Deram-me cinco mil seiscentos e trinta e oito açoutes, atado á columna. Fizeram-me no corpo mil e cem chagas. Deram-me tres empurrões mortaes, quando levava a cruz ás costas. Quando ia para o Calvario, cahi tres vezes. As gottas de sangue que derramei foram trinta mil setecentos e oito».

Cópia do sangue que Jesus Christo derramou desde a oração do Horto até morrer na cruz

ORAÇÃO

Segue-se depois a oração, com as respectivas indulgencias. Esta provavelmente é materia original, — augmentada depois pelo zelo d'algum fervoroso tonsurado afim de convencer os outros tonsurados — á chineza.

Mas ainda resta uma noticia do mesmo genero, que na verdade, mostra a surprehendente riqueza da Egreja Romana. Os pobres protestantes teem de contentar-se com a Biblia e as influencias invisiveis da graça de Deus com o fructo d'estas na vida do crente. Os romanos, ao contrario, entre outras maravilhosas reliquias, possuem *uma lagrima derramada por Jesus ao pé do sepulchro de Lazaro!!*

Deve ser unica no genero, e não admira que se projectasse n'estes ultimos dias, e talvez já tivesse logar, uma peregrinação em honra d'esta lagrima que, segundo nos informa a igreja *infallivel*, foi enviada em 1100 a Allouange, Pas-de-Calais, França, por Godofredo de Bouillon!

FREGUESIA DE ALLOUANGE-SAINTE-LANNE (Calais)

NOVENA DE PEREGRINAÇÕES

Em honra de uma lagrima de Nosso-Senhor Jesus Christo, vertida junto do tumulo de Lazaro e mandada no anno 1100 por Godofredo de Bouillon para Allouange.

Os exercicios principiarão em 22 de junho e terminarão no dia 30.

Domingo 29 ás 4 horas da tarde.

GRANDE PROCISSÃO E SERMÃO

Na Praça de Monchel

Os piedosos peregrinos, mais numerosos do que nunca, acudiram ao convite, implorando a divina mi-

sericordia deante da santa lagrima, derramada por Nosso Senhor Jesus Christo.

O reverendo padre Plassare prégará durante a novena.

Approvado por M. Lequetts, bispo de Broras, Bologna e Saint-Omer.

Assignado *Martel*, parochio de Allouange.»

INTOLERANCIA RELIGIOSA

Parece incrivel que, n'este paiz de maxima liberdade e tolerancia, se pratiquem hoje em dia factos, que são um insulto a essa liberdade e ás instituições que nos regem.

O administrador do concelho de Portalegre, segundo nos informa o nosso assignante o snr. Luiz Gonçalves, prohibiu ultimamente a este senhor a venda de biblias n'aquella cidade, com o fundamento de taes biblias serem contrarias á religião do Estado.

Que isto se fizesse no paiz do Bonga, admitte-se, porém n'estes reinos, tendo por primeiro ministro Antonio Rodrigues Sampaio, o velho liberal, é uma cousa inconcebivel.

Ora, não quererá dizer-nos aquella autoridade que assim exorbitou, o motivo porque esses livros são contrarios á religião do Estado?

Ignora acaso que os tribunaes superiores do paiz, já ha muito decidiram essa questão, contra a qual se empenharam, de mãos dadas miguelistas graudos e, factandos catholicos?

Como é então que assim se calca aos pés a lei e se offende um cidadão nos seus direitos e na sua liberdade?

Provavelmente, o snr. administrador procedeu n'esta questão por ignorancia, ou então, por desejo de ser agradavel a alguns tonsurados de Portalegre, para quem as biblias apprehendidas são a condemnação dos seus erros e fraudes religiosas; e por isso empenham-se, como desesperados, em prohibir que ellas se divulguem, para que elles continuem a dominar as consciencias dos fieis, e a imperar n'ellas como tyrannos.

Baldados esforços, porém!

Creia-o assim o snr. administrador e com elle todos os tonsurados de Portalegre.

Se a nossa voz conseguisse ser ouvida nas emi-nencias do poder, temos a certeza de que o nobre e digno ministro do Reino mandaria desagrarar o cidadão offendido nos seus direitos, e demittiria a autoridade que assim abusou do seu poder.

Mas... registre-se ao menos o facto já que não temos outro meio para tornar responsavel o seu outor. Segue a carta:

Snr. Redactor:

No dia 23 de junho proximo passado fui a Portalegre vender Biblias e outros livros religiosos, pois que é esta a minha occupação. Pouco tempo depois de chegar áquella cidade, fui encontrado pelo snr. administrador d'aquella cidade, no estabelecimento do snr. Fernandes dos Santos, alli negociante; e sendo interrogado pelo snr. administrador, se eu sabia qual era a religião do Estado, respondi-lhe que em nada offendia a religião do Estado, e no uso da minha occupação, estava ao abrigo da lei, que diz—que ninguem pôde ser perseguido por motivos de religião.

O snr. administrador respondeu que os meus li-

vros iam ser autoados, porque eram contra a religião do Estado; e dizendo isto apprehendeu-me uma malla cheia de Biblias e Novos Testamentos, e outros folhetos religiosos.

No dia 17 do mesmo mez fui à Administração fallar com o snr. administrador, para saber o que elle determinava ácerca dos livros, respondeu-me que já os tinha entregado ao poder judicial, e que eu não podia vender livros que não pertencessem á religião do Estado. Respondi, que existe uma lei de 17 de maio de 1866, que authorisa a venda de toda a qualidade de livros, e quanto mais estes que eram religiosos.

No dia 11 de julho entreguei um requerimento ao snr. Juiz de Direito d'aquella cidade, pedindo os meus livros, e no dia 15 do mesmo, o snr. Juiz despachou que os livros fossem examinados por dois padres, para o que foram intimados suas Reverendissimas os snrs. padre Adolpho, e o padre Soeiro, declarando este ultimo que os livros eram contrabando!!!¹

Peço por tanto, ao snr. Redactor da *Reforma*, como assignante do seu jornal o favor de publicar estas linhas, reclamando em nome da lei, e da justiça, o direito da consciencia, a liberdade, as garantias dos cidadãos, e juntamente os meus livros.

De V.

Luiz Gonçalves.

NOTICIARIO

MEETING ANTI-CLERICAL

Em julho 25 houve um meeting em Roma que votou uma proposta para a abolição das garantias papaes e a separação da Igreja do Estado.

EVANGELISAÇÃO EM LIVERPOL

O energico bispo d'esta nova diocese acaba de formar uma associação para a prégação do Evangelho ao ar livre. Tomarão parte n'esta obra clérigos e leigos escolhidos.

A MORAL NOS THEATROS

O *Weekly Register* periodico catholico romano de Londres, diz: «Um Lord Chamberlain catholico, na sua capacidade de licenciador de peças theatraes, tem permitido nos palcos de Londres uma devassidão que ouzamos dizer que os seus antecessores protestantes — como por exemplo, o varonil e respeitavel Lord Sydney — não teriam tolerado nem uma noite.»

O testemunho é insuspeito, e offerece mais uma prova de que o romanismo não é um elemento moralizador, facto que os paizes puramente romanos provam de sobejo.

OFFICIOS DIVINOS

PORTO — Largo do Coronel Pacheco — Todos os domingos ás 10 horas da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quintas-feiras ás 8 horas da noite. Aula biblica nos domingos ás 9 horas da manhã.

Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite.

N'esta Igreja ha aulas diarias gratuitas para alumnos de ambos os sexos.

Rua de Malmerendas, 102 — Todas as quartas-feiras ás 7 1/2 horas da noite, e todos os domingos ás 4 1/2 da tarde.

VILLA NOVA DE GAYA — Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Logar do Torne ao pé do tunel — Todos os domingos ás 9 horas da manhã e 3 1/2 da tarde. Todas as terças-feiras ao anoitecer.

LISBOA — Igreja presbyteriana, rua das Janellas Verdes n.º 2, ministro o Rev.º Roberto Stewart. — Todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde. Todas as quartas-feiras oração, ás 8 horas da noite. Todos os sabbados á mesma hora, aula biblica.

No mesmo edificio, Igreja Presbyteriana Portugueza, o Rev.º Manoel Antonio de Menezes. — Culto e prégação do Evangelho todos os domingos ás 3 1/2 horas da tarde e todas as quintas-feiras ás 6 1/2 horas da noite. Aula biblica para adultos e escola dominical para a infancia, todos os domingos ás 10 horas da manhã. Pelo mesmo ministro, culto e prégação do Evangelho todos os domingos ás 6 1/2 da noite, na casa de culto, filial á mesma igreja, na Travessa de Santa Catharina n.º 7, loja.

Na calçada do Cascão, 5, 2.º. — Ministro, Manoel dos Santos Carvalho. — Todos os domingos ás 11 1/2 da manhã e 6 1/2 da tarde, e todas as quartas-feiras ás 7 da tarde. Aula biblica todos os domingos ás 10 da manhã. Oração todos os sabbados, ás 8 horas da noite. Estudo sobre a Sagrada Escripura, todas as terças-feiras, á mesma hora.

Igreja Lusitana episcopal Reformada — Congregação de S. Pedro, rua da Conceição á Praça das Flores n.º 14. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação de Jesus, rua de S. Marçal. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 7 da tarde, e todas as quartas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação de S. Paulo, rua Occidental da Moeda, 123-7.º todos os domingos ao meio dia e 7 da tarde, todas as quintas-feiras á mesma hora.

Igreja Lusitana Episcopal Reformada — Congregação da Santissima Trindade, Rio de Mouro. Todos os domingos ás 11 horas da manhã e 4 da tarde, todas as quintas-feiras ás 2 da tarde.

¹ Deixamos de remissa para o proximo numero este reverendissimo Soeiro.

Conversaremos um pouco a respeito do nosso contrabando e do contrabando de S. Rev. A ousadia ha de ser castigada como merece. Fique certo d'isso.

ANNUNCIOS

COMPENDIO DE CIVILIDADE

ou

Regras moraes, civis e religiosas

PARA USO NAS ESCOLAS EVANGELICAS DE PORTUGAL E BRAZIL

Por José A. dos Santos Carvalho

PREÇOS

Em brochura, no Porto	100
Cartonado	160
Brochura, para as provincias	120
Cartonado	200
Brochura, para o Brazil. (reis fracos)	400
Cartonado » » »	500

Todos os pedidos devem ser feitos a J. A. S. de Carvalho, Capella Evangelica no Porto, acompanhados da sua respectiva importancia em estampilhas ou vales do correio.

DEPOSITOS DE TRATADOS E LIVROS

DEPOSITO, JANELLAS VERDES N.º 4

OBRAS PUBLICADAS

- Lembranças diarias, 163 pag.—100 reis.
 É verdadeira a Biblia? 128 pag.—50 reis.
 Lucilia, ou a inspiração das escripturas, 324 pag.—100 reis.
 Preservativo contra Roma, 128 pag.—50 reis.
 A Joven Aldeana, 48 pag.—40 reis.
 Reflexões sobre a Virgem Maria, 30 pag.—20 reis.
 Não se deve mudar de religião, 16 pag.—10 reis.
 Erric, o criado russo, 16 pag.—10 reis.
 O amigo da casa, 32 pag.—20 reis.
 O amigo dos peccadores, 48 pag.—40 reis.
 O livro dos livros, 56 pag.—40 reis.
 Um homem que matava os seus visinhos. 23 pag.—30 reis.
 Uma antigualha, 16 pag.—20 reis.
 André Dunn, 77 pag.—40 reis.
 Hymnos portuguezes, (1 vol. encadernado), 215 pag.—40, 110, 130 e 140 reis.
 Devocionarios, 30 pag.—20 reis.
 Evidencias do Christianismo, 76 pag.—50 reis.
 Como devemos entender a Biblia Sagrada, 15 pag.—10 reis.
 O menino da matta, 32 pag.—30 reis.
 Jessica, 43 pag.—40 reis.
 O Padre Jacintho, 16 pag.—10 reis.
 A doutrina da Igreja de Roma e a doutrina da Biblia, 120 pag.—50 reis.
 Biographia de Martin Boos, 188 pag.—80 reis.
 Sou christão? como o posso saber? 92 pag.—60 reis.
 O que é um sacramento? 44 pag.—30 reis.
 O culto domestico, 48 pag.—20 reis.
 Um homem que abalou o mundo, 80 pag.—15 reis.
 Luz do Céu, 126 pag.—60 reis.
 O que créem os protestantes, 24 pag.—15 reis.
 Como lês tu? 40 pag.—30 reis.
 O culto publico.—O domingo, 20 pag.—20 reis.
 O vigario de Christo.—O Calvario, 22 pag.—20 reis.
 A Chamada.—A folha ensanguentada, 24 pag.—20 reis.

Exposição de Factos (na ilha da Madeira), 31 pag.—20 reis.

Um livro maravilhoso, 22 pag.—10 reis.

O amor de Deus, 8 pag.—10 reis.

Os dois Guilhermes, 29 pag.—20 reis.

Trinta livrinhos, cada um, 7 pag.—5 reis.

Caminho de Deus para a paz, 150 pag.—40 reis.

«O Amigo da Infancia» sae cada mez; por numero 10 reis (com lindas gravuras) e em volumes encadernados a 160 reis cada um.

Um sortimento de livros em inglez, a varios preços. Pacotes de cartões illuminados e com textos da Biblia, a varios preços.

Manual Biblico, com mappas, 393 pag.—500 reis. Encadernado.

Leituras para escholae, 252 pag.—400 reis. Encadernado.

Rapaz do realejo, 131 pag.—120 reis.

Gravuras a 60 reis.

Expedem-se estas publicações, franco de porte.

Depositos onde se acham á venda as Sagradas Escripturas

LISBOA—Janellas Verdes n.º 28.

PORTO—Egreja Evangelica, Largo do Coronel Pacheco.

MADEIRA—Rua das Pretas, 72.

N'estes depositos encontram-se as sagradas Escripturas em todas as linguas da Europa, e tambem nas linguas originaes, Grega e Hebraica.

Biblias, traducção de Figueiredo—500 reis.

Idem, traducção de Almeida—500 reis.

Novos Testamentos, traducção de Figueiredo—100 reis.

Idem, traducção de Almeida—100 reis.

Psalmos, traducção de Almeida—50 reis.

Evangelhos, traducção de Almeida—20 reis.

Ha um grande sortimento d'estes livros com encadernações, que se vendem por diversos preços.

REFORMA

(FOLHA QUINZENAL)

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Largo do Coronel Pacheco (Capella Evangelica)

PORTO

Publica-se na primeira e terceira quinta-feira de cada mez.

Custo das'signatura—(paga adiantada). Anno 480, semestre 240 reis; para as provincias accresce o porte do correio.

N'esta redacção vendem-se collecções completas da «Reforma» do 1.º, 2.º e 3.º anno: para a cidade custa cada uma 240 reis, e para as provincias, 250.

São agentes da REFORMA, em Lisboa os ill.^{mos} srs.

Manoel dos Santos Carvalho, calçada do Cascão, 5—2.º — José Gregorio Baudoin—rua do Sacramento á Pampulha, 42, 2.º—Alexandre José Alves, rua de S. Bernardo 23, loja de mercearia.

EDITOR RESPONSÁVEL—P. G. DIAS DA CUNHA

Porto—Typ. Occidental, Rua da Fabrica, 66.